

# O arquivo literário do escritor piauiense Fontes Ibiapina

Lueldo Teixeira Bezerra<sup>1</sup>

Raimunda Celestina Mendes da Silva<sup>2</sup>

## Resumo

Há um crescente número de instituições que se dedicam à curadoria de arquivos de escritores no Brasil. Conseqüentemente, houve aumento de pesquisas em espaços detentores de documentos de fontes primárias. Partindo do pressuposto de que um arquivo de escritor é um espaço de memória literária particular, surge então o processo de desterritorialização e reterritorialização desses arquivos, uma vez que saem do privado para o público. Assim, o presente estudo apresenta o arquivo literário do escritor piauiense João Nonon de Moura Fontes Ibiapina. Diante de uma produção literária vasta e rica em questões culturais, memorialísticas, históricas e ficcionais e com abordagens regionalistas, surgiu a necessidade de compreender a produção literária de Fontes Ibiapina a partir de seu arquivo literário, uma vez que os documentos que o compõem possuem informações importantes acerca da cultura e da história do estado do Piauí. Observou-se a existência de documentos autorais que contribuem para uma compreensão mais ampla acerca da produção do escritor. Este estudo convida pesquisadores que estudam a obra de Fontes Ibiapina a investigarem seus documentos literários que antecedem a obra publicada e que tem muito o que se revelar sobre a história, a cultura e, principalmente, a literatura piauiense.

Palavras-chave: Arquivo literário; Documentos autorais; Manuscritos; Fontes Ibiapina.

## Abstract

This There is a growing number of institutions dedicated to curating archives of writers in Brazil. Consequently, there was an increase in research in spaces that hold documents from primary sources. Assuming that a writer's archive is a particular literary memory space, then the process of deterritorialization and reterritorialization of these archives arises, once they leave the private for the public. Thus, the present study presents the literary archive of the Piauí writer João Nonon de Moura Fontes Ibiapina. Faced with a vast and rich literary production in cultural, memorialistic, historical and fictional issues and with regionalist approaches, the need arose to understand the literary produc-

Revista de  
Crítica Genética  
ISSN 2596-2477

N. 49 • 2023

Submetido:  
30/03/2023

Aceito:  
31/05/2023

- 
- 1 Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. Professor de Teoria Literária no Centro Universitário Maurício de Nassau. E-mail: [lueldot@gmail.com](mailto:lueldot@gmail.com).
  - 2 Doutora em Letras pela PUCRS. Professora de Literatura na Universidade Estadual do Piauí. E-mail: [r.celestina@uol.com.br](mailto:r.celestina@uol.com.br).

tion of Fontes Ibiapina from his literary archive, since the documents that compose it have information about the culture and history of the state of Piauí. It was observed the existence of authorial documents that contribute to a broader understanding of the writer's production. This study invites researchers who study the work of Fontes Ibiapina to investigate his literary documents that precede the published work and that has much to reveal about the history, culture and, mainly, Piauí literature.

Keywords: Literary archive; Author documents; Manuscripts; Fontes Ibiapina.

## Introdução

Os arquivos pessoais de escritores são compostos por documentos que narram anos a fio de pesquisa que resultaram na criação de suas obras. É nesse lugar que o criador dá à luz à criatura. Os documentos que compõem esses arquivos assumem dois papéis: o primeiro é o de armazenamento, que consiste na aquisição de informações que funcionarão como auxílio para a criação da obra; o segundo é o de experimentação, que nada mais é que o momento de concretização, a produção da obra. São esses documentos que testemunham para o pesquisador a construção da obra entregue ao público, como Cecília Almeida Salles<sup>3</sup> denomina a obra acabada.

No que tange aos estudos sobre arquivos pessoais no âmbito da literatura, pensa-se logo em um laboratório onde o escritor desenvolve sua produção. À medida que a produção acontece, documentos são arquivados, e à medida que documentos são arquivados, outros são excluídos. Tal movimento, Derrida<sup>4</sup> o denomina como pulso de morte no arquivo. Assim, começa a surgir o arquivo pessoal de um escritor.

Os estudos realizados até meados da década de 1980 se preocupavam em compreender como se dava a coleta e guarda dos arquivos, enquanto, a partir dessa nova concepção, questionam-se as estruturas que estão por trás da produção e/ou organização de acervos documentais. Tal questionamento envolve uma transformação maior no que tange à ideia de verdade, que para Derrida<sup>5</sup> não se trata de uma verdade material, mas histórica, que questiona e põe em dúvida a imagem do arquivo como o “guardião da memória”, para constituí-lo como um lugar que não só revela, mas também omite e silencia, seguindo assim a concepção de uma verdade consignada e contextual, delineando os investimentos de que o próprio arquivo resulta.

Diante dessas prerrogativas, o presente estudo apresenta o arquivo literário do escritor piauiense João Nonon de Moura Fontes Ibiapina. Elucida-se aqui alguns documentos autorais tais como cartas, cadernos de manuscritos, revistas e obras em primeira edição. Não é objetivo deste trabalho elencar todos os tipos de documentos existentes no arquivo literário do escritor ora estudado, mas sim trazer a público a potencialidade cultural, histórica e literária que há dentro do arquivo, de modo a representar a produção ficcional de Fontes Ibiapina dentro de um contexto regional.

O arquivo literário de Fontes Ibiapina é composto por documentos que representam um regionalismo delineando um sujeito que habita em um espaço bem peculiar: o sertão do estado do Piauí. No arquivo literário aqui estudado, há representações da memória, bem como históricas, do homem piauiense que sempre

---

3 SALLES, C. A. **Crítica genética**: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008, p. 19.

4 DERRIDA, J. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 23.

5 Ibid.

teve que enfrentar as mazelas que o assombravam. Mas não se trata apenas de registros de sofrimentos enfrentados por esse povo. Há também rastros que nararam as reminiscências do escritor que servem de registros memorialísticos da cultura e da história de um povo que, por meio da persistência, soube ver o lado bom de pertencer ao Piauí. Não obstante os demais, o arquivo literário de Fontes Ibiapina agrega evidências valiosas sobre a sua vida literária, de modo que se faz possível, a partir dos documentos nele existentes, analisar e compreender de maneira mais ampla a obra ficcional do escritor.

Considerando os estudos já realizados acerca da produção literária de Fontes Ibiapina, não houve, até antes deste estudo, nenhuma pesquisa que se propusesse a percorrer o arquivo literário do escritor. Logo, este estudo parte da necessidade de compreender a importância da literatura de Fontes Ibiapina em questões de memória, identidade, história piauiense, dentre outros diversos temas que o autor traz no conjunto de sua obra. No tocante, esta pesquisa traz como contribuição para os estudos acadêmicos, sobretudo para os estudos acerca da história da literatura piauiense, os documentos de arquivo que narram o labor literário de Fontes Ibiapina, de modo a compreender a história e a memória identitária do homem sertanejo.

Este estudo traz uma abordagem metodológica que segue os estudos de Reinaldo Marques<sup>6</sup> ao pensar o arquivo de Fontes Ibiapina como fonte de conhecimento acerca de algumas práticas discursivas que envolvem aspectos históricos, culturais e literários. Trata-se de um estudo descritivo e analítico de documentos autorais que compreendem um período de acumulação, transmissão e, que dizem respeito à sua categorização propriamente dita como arquivo.

O conjunto da obra de Fontes Ibiapina emite signos que revelam a identidade do estado piauiense. O discurso ficcional do escritor traz, para nós leitores e admiradores de sua literatura, questões sociais que, em seu sentido denotativo, demonstram algo ruim, negativo e entristecedor. No entanto, com seu jeito literário de ser, Fontes Ibiapina suaviza tais mazelas com sua máquina de escrever. Suas obras simbolizam uma arte simples, engajada, estética e representativa ontem, hoje e amanhã.

O arquivo literário de Fontes Ibiapina é compreendido a partir de uma abordagem epistemológica, considerando-o também como um espaço de confissão, uma vez que registra o ato laboral do escritor, evidenciando a sua própria assinatura. Todas as cartas que se encontram no arquivo literário de Fontes Ibiapina são documentos autorais que trazem consigo informações históricas, sociais, culturais e literárias. A partir do seu arquivo literário, faz-se possível conhecer o processo de criação de algumas de suas obras, bem como conhecer a circulação de sua literatura fora do estado do Piauí, em periódicos de grande circulação no Brasil. Toda a produção literária de Fontes Ibiapina parte dos registros literários em seus cadernos de manuscritos que atualmente compõem seu arquivo literário.

---

6 MARQUES, R. M. O arquivo literário como figura epistemológica. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, p. 13-23, 2007. Disponível em: <http://www.pgletas.uerj.br/matraga/matraga21/arqs/matraga21a01.pdf>. Acessado em 09 jun. 2023.

Diante do que foi apresentado, inicia-se aqui um estudo epistemológico do arquivo literário do escritor piauiense Fontes Ibiapina. Discussões que demonstram o movimento escriturário do escritor durante sua vasta produção literária que representa o sertanejo em seu habitat, bem como sua cultura, sua memória e sua história.

## Arquivo Literário e Memória

Um arquivo, em termos espaciais, reflete um lugar físico e social, onde se guardam os rastros<sup>7</sup> documentais do passado, de que se vale o pesquisador em arquivo. No arquivo, estabelece-se as provas documentais que se fazem necessárias para a constituição do conhecimento histórico em suas mais diversificadas aplicações. Os rastros no arquivo é o que possibilita as operações historiográficas sobre os documentos.

Para Ricoeur<sup>8</sup>

*Esse gesto de separar, de reunir, de coletar é objeto de uma disciplina distinta, a arquivística, à qual a epistemologia da operação historiográfica deve a descrição dos traços por meio dos quais o arquivo promove a ruptura com o ouvir-dizer do testemunho oral.*

Segundo o autor, os rastros documentais resultam no rompimento do “ouvir dizer”, o que contribuiu para o surgimento da História enquanto processo epistemológico, tornando-se ciência do conhecimento. Os rastros, para Ricoeur<sup>9</sup>, trazem em seu discurso as memórias de um tempo, de um espaço e de um fato. São os rastros, materializados nos documentos de arquivo, que possibilitam ao pesquisador confrontar os documentos enquanto testemunhos do passado. Nesse ínterim, a relação proximal entre a Arquivística e a História tem se mostrado uma via de mão dupla nos estudos que tem como objeto de estudo os arquivos.

Um arquivo literário, dentro de seu próprio conceito, traz imbricado a concepção de memória. Uma vez que um arquivo literário traz em seu interior o percurso escriturário de seu escritor, há nos documentos custodiados nesse arquivo literário rastros que narram, pelo menos sugerem, a ação escriturária do sujeito que o constituiu. Para Bordini<sup>10</sup>, “[...] os acervos literários são instituições memoriais, porque eles reúnem vestígios de um passado na perspectiva de uma vida que pode conter muitas outras vidas.” Nos documentos que compõem um arquivo literário, há a forte presença da memória testemunhal que vai servir para o pesquisador de modo a contribuir com a compreensão da obra do escritor e sua rede de sociabilidade.

---

7 Nesta pesquisa, empregou-se a concepção de rastro cunhada por Paul Ricoeur (2007, p. 178) enquanto vestígios de memória.

8 RICOEUR, P. A **memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 178.

9 Ibid.

10 BORDINI, M. da G. Acervos literários e memória cultural. In: **Seminário Dez anos do PPGL/UESPI: produzindo conhecimento e formando pesquisadores**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N6yjhxGiqUJ>. Acesso em: 17 dez. 2022.

Considerando a concepção de arquivo, há imbricado neste cenário uma questão dicotômica: memória individual e memória coletiva. A memória social assume uma concepção construída a partir da relativização da objetividade e da subjetividade nos fatos históricos. Para Ricoeur:

*Naturalmente, se os escritos constituem a porção principal dos depósitos de arquivos, e se entre os escritos os testemunhos das pessoas do passado constituem o primeiro núcleo, todos os tipos de rastros possuem vocação de serem arquivados. Nesse sentido, a noção de arquivo restitui ao gesto de escrever toda a amplitude que lhe confere o mito do Fedro.<sup>11</sup>*

Ricoeur<sup>12</sup> contribui para a potencialização dos avanços teóricos acerca da memória e história, memória e documentos históricos e, sobretudo, questões sobre memória e esquecimento. A partir das contribuições do citado teórico, há um aprofundamento no que tange aos problemas fenomenológicos que envolvem a memória individual, a memória coletiva, bem como suas relações com a história. Para o pesquisador de tais áreas, ficam os rastros, compreendidos como vestígios da memória viva que até então passou a ser arquivada.

Nos espaços arquivísticos, as nuances da memória são guardadas, o que possibilita refletir sobre a noção de “memória arquivada”. Assim, o pesquisador se defronta com os rastros do passado que, considerando alguns pontos subjetivos, sobretudo problemas pautados na atualidade da pesquisa, contribuem para o exercício epistemológico da História nas mais diversas áreas. No contexto deste estudo, considera-se a área da literatura.

Le Goff (1994, p. 477) aponta que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Segundo o pensamento de Bosi<sup>13</sup>, a memória possui características comportando a dialética de aproximações e esgarçamentos, trazendo consigo a individualidade do sujeito. Tanto o pensamento de Le Goff<sup>14</sup> como o pensamento de Bosi se complementam no que diz respeito ao fato de que a memória, por sua vez, traz em si uma tessitura composta pelo presente refletindo o passado prospectando um futuro possível, o que revela a formação identitária do sujeito particular pelo fato das experiências terem uma interpretação significativa para o próprio sujeito.

Um arquivo literário traz a identidade resultante a partir dos fragmentos reunidos, das experiências escriturárias, bem como a trajetória que revelam a interação social do escritor, o que contribui para refletir a ideia de pertencimento do arquivo a partir de aspectos que restauram a imagem que o escritor permitiu construir de

---

11 RICOEUR, op. cit., p. 178.

12 Ibid.

13 BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003, p. 33.

14 LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994, p. 47.

si mesmo, configurada pelos documentos que ele acumulou ao longo de sua trajetória. Foucault<sup>15</sup> denomina tal processo como “a escrita de si”, o que revela uma relação pessoal com o outro e com o que está em volta do escritor.

Para Derrida<sup>16</sup>, não há arquivo sem a ideia de um espaço permeado por consignações sem haver a aplicação da técnica da repetição, que consiste em guardar algo, sem que se considere uma relação que retrata um espaço que reflete o exterior. Para o autor, um arquivo é compreendido como rasura, formado por lacunas e descontinuidades, refletindo a dialética do lembrar, esquecer e lembrar. O arquivo, como impressão, escritura, não se trata somente de um local de conservação de um conteúdo do passado. A prática do arquivamento produz e registra um dado evento. Nesse jogo entre o produzir e o registrar, está o que Derrida chama de pulsão de morte, o apagamento de informações/documentos em detrimento do arquivamento de outras.

Como quer Artières<sup>17</sup>, “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social, a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.” A partir da construção do seu próprio arquivo, o escritor constrói a sua autoimagem, o que vai refletir socialmente para a geração futura um recorte temporal e vários recortes espaciais, o que vai refletir a concepção de verdade histórica e não verdade material, como bem explica Derrida<sup>18</sup>. Tal posicionamento se faz aceitável pelo fato de o arquivo literário trazer extratos de um determinado período, momento de vida do escritor, diga-se de passagem, trazendo informações de várias pessoas com as quais ele interagiu.

O escritor, ao escrever sua obra de ficção, compromete-se com sua criatura, a obra literária. Em busca de subsídios para sua criação literária, ele vai em busca de informações. Surge então seu caderno de anotações, jornais lidos, revistas recortadas, cartas emitidas e recebidas com apreciações críticas sobre o texto em construção, menção honrosa devido à recepção de sua obra, textos jornalísticos produzidos pela crítica que apreciou o livro escrito. Eis que surge um arquivo literário. A pretensão do escritor é com sua obra. A representação que nela há é natural, pois um texto despreziosamente traz representações temporais e espaciais.

As manifestações do processo de rememoração, de recuperação e revisão dos lapsos do passado, bem como os programas que visam o incentivo à conservação do patrimônio vêm se fazendo presente na sociedade de maneira notável nas últimas décadas. Nesse contexto, os termos “memória” e “arquivo” assumem um papel importante como dois conceitos chaves nesses tempos. No entanto, nada é menos claro, nada é menos garantido hoje em dia, segundo a visão de

---

15 FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade e política**. Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 133.

16 DERRIDA, op. cit., p. 14.

17 ARTIÈRES, P. **Arquivar a própria vida**. Estudos Históricas, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 11, 1998, p. 11.

18 DERRIDA, op. cit., p. 44.

Derrida<sup>19</sup>, do que a palavra “arquivo”. Não há arquivo sem a concepção de consignação, em algum lugar exterior que assevere a possibilidade da técnica da repetição, da reprodução ou até mesmo da reimpressão. A concepção de arquivo vai além da questão da memória, pois ele implica – sobretudo – a instauração de uma instância ou de um lugar de autoridade em primeira pessoa. Assim, constitui-se um eu, que nas entrelinhas do arquivo, assina seu nome como autor desse local de não só de memória, mas de espaço físico, lei, ideologia, enfim, de representações múltiplas.

Segundo Guimarães<sup>20</sup>, tanto os manuscritos como as bibliotecas, ao longo do tempo, têm despertado a atenção de pesquisadores, envolvendo a importância histórica e ficcionais desses documentos que compõem um arquivo literário. Ratificando o pensamento de Guimarães<sup>21</sup>, Remédios<sup>22</sup> defende que o documento de arquivo, enquanto fonte documental, “serve para justificar a escrita de suas memórias e, ao mesmo tempo, definir que o tecido textual envolve não apenas o tempo como também o lugar de encontro de coisas diferentes como ensaios, viagens, histórias, estórias, galerias de tipos”.

O arquivo literário de um escritor é detentor de documentos que narram o seu *modus operandi*. É dentro dos arquivos literários que documentos são compreendidos como rastros que narram sobre um sujeito, um tempo, um espaço e uma sociedade. A memória é fortemente encontrada em cada documento que vislumbra a obra de ficção do escritor. Os atos da memória são assistidos desde o ato criador até o processo do arquivamento – uma relação intrínseca – arquivo e memória. Logo, um arquivo literário é compreendido como um celeiro de memórias que testemunham o decurso da vida literária do seu titular, mas não apenas como escritor, mas como leitor, pesquisador e arquivista.

Considerando o que foi discutido até aqui, discutir-se-á a partir de agora acerca da produção literária do escritor piauiense João Nonon de Moura Fontes Ibiapina a partir do seu arquivo literário. Visa-se com este estudo elucidar não apenas a produção literária do escritor ora mencionado, mas também apresentar seu projeto literário a partir do regionalismo, uma das suas principais características literárias.

## **A Formação Literária de Fontes Ibiapina**

João Nonon de Moura Fontes Ibiapina nasceu em Lagoa Grande, zona rural de Picos, no estado do Piauí. Quando criança, era bastante curioso. Buscava sempre aprender mais sobre as coisas. Lia literatura de cordel, revistas, escrevia cartas,

---

19 Ibid., p. 15.

20 GUIMARÃES, J. C. Entre periódicos e manuscritos. In: SOUZA, E. M. de; MIRANDA, W. M. **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê, 2003, p. 103-116.

21 Ibid.

22 REMÉDIOS, M. L. O empreendimento autobiográfico Josué Guimarães e Érico Veríssimo. In: ZIBERMAN, R. et al. **As pedras e o arco**: fontes primárias, teoria da literatura e história da literatura. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 283.

decorava histórias e ainda ajudava seu professor, seu tio Quincó, durante as aulas. O aluno, que em seus primeiros passos de escolarização era acanhado e bem tímido, passou a auxiliar seu tio durante as aulas.

Em 1950, Fontes Ibiapina dá início a sua produção literária. Ele escreve seu primeiro conto, o qual intitula como “Palestra de Comadres”. Assim, começa a produção escrita do seu primeiro caderno de manuscritos literários. Em seguida, em 1951, escreve o seu segundo conto: “Férias”. Tais produções trazem reminiscências das memórias que o escritor adquiriu ao longo de suas experiências enquanto bom observador que era.

Barros, sobre a escrita dos primeiros contos de Fontes Ibiapina, alude:

*[...] as palavras fluíam com facilidade, formando frases construídas sobre expressões a que ele estava habituado a ouvir. Escrevia tal e qual falavam as pessoas da região, com seus vícios de linguagem e um palavreado pouco convencional. Era essa a sua marca. Criaria um estilo próprio, regional.<sup>23</sup>*

Fontes Ibiapina, agora formado, deslanchou-se na escrita de seus contos. Em continuidade, vêm os contos “Zeca Puciano” e “Menina sem Mãe”, ambos publicados em seu livro *Destinos de Contratempos*, em 1974. Daí em diante, Fontes Ibiapina começava timidamente sua vasta produção literária que seria publicada primeiramente em jornais, posteriormente em revistas, resultado dos concursos literários que o escritor ganhava, e mais tarde em seus livros.

Em março de 1953, Fontes Ibiapina escreve seu primeiro livro, o romance *Vida Gemida em Sambambaia*. No entanto, a obra só foi publicada em 1985, ao ganhar em primeiro lugar o VII Concurso Nacional do Clube do Livro em São Paulo. O prêmio alcançado se deu em virtude do reconhecimento da obra em virtude do regionalismo que impera nas linhas da obra, tal característica sendo firmada como uma de suas fortes tendências literárias da época.

Tendo já iniciado sua vida literária, Fontes Ibiapina começa a publicar seus contos em algumas revistas, a saber: *Cruzeiro*, *Peteca*, *A Cigarra* e *Alterosa*, tendo nessa última ganhado 10 concursos, com direito de publicar seus contos. Mais tarde, em 1958, já tendo se convencido que era um escritor, Fontes Ibiapina publica seu primeiro livro, *Chão de Meu Deus*, composto por 11 contos. Desses contos, 3 foram laureados na revista *Alterosa*: “Trinta e Dois”, “Tangerinos” e “Tropeiros”. Em 1961, Fontes Ibiapina publica seu segundo livro, *Brocotós*. O livro é composto por 7 contos. Desses contos, 3 foram publicados em revistas. São eles: “Cidade sem Reboco”, “Onça da Mão Torta” e “Memórias de um Canário”. Além das publicações em revistas, Nonon também publicou contos no jornal *Folha da Manhã*.

No dia 29 de janeiro de 1962, Fontes Ibiapina toma posse na Academia Piauiense de Letras. O escritor assume a cadeira de nº. 09, sendo o terceiro ocupante, assumindo o lugar do imortal Pedro Borges da Silva. Em seu discurso de posse, assim se apresentou:

---

23 BARROS, E. **Nonon**: o menino da Lagoa Grande. Teresina: Nova Aliança, 2012, p. 37.

*Quem ora vos dirige a palavra, [...] é o menino travesso, cheio de mil diabruras, provindo de uma infância bem vivida num casarão de pedras construído nos tempos idos da escravidão do homem de cor em nossas plagas, na fazenda Lagoa Grande da data Samambaia, no município de Picos do Piauí. É aquele mesmo fedelho que [...] passava o dia saltando riachos, correndo a cavalo, praticando uma infinidade de pultricas e travessuras. E às tardinhas, sentava-se no moirão da porteira do curral [...] com o dedo ao ouvido aboiando vacas que viriam à procura de seus filhos. Lá se vinham as emboladas, os desafios, histórias de Trancoso, adivinhações, pulhas, ditados, deboches outros, brincadeiras de roda, [...]. Coisas que o tempo levou. Entretanto, [...] o menino não morreu. Vive em estado latente, como reminiscência, entre o id e o ego deste vulgar escritor participante do mencionado ciclo literário. De lá, trouxe êle uma vasta experiência de tudo que viu, sentiu, apalpou e viveu.<sup>24</sup>*

Fontes Ibiapina surge como literato pertencente ao período do Modernismo. O escritor trazia à tona formas discursivas que tematizavam o estado do Piauí a partir de uma perspectiva regionalista, o que foi decisivo para o seu reconhecimento por parte da Academia Piauiense de Letras, e em um segundo momento, pela crítica literária do estado. Fontes Ibiapina apresentava uma formação típica de seus colegas escritores: vindo da zona rural, formação na Faculdade de Direito do Piauí e participação na imprensa da época.

O escritor apresenta um leque de publicações. Sua literatura é marcada pelo regionalismo que representa o estado do Piauí, bem como o sertanejo. Para Silva<sup>25</sup>:

*Fontes Ibiapina usa a imaginação para, através dos romances, mostrar seu compromisso sócio-político. Usa o discurso comprometido com os sentimentos de amor ao Piauí e à sua gente, especialmente ao sertanejo, misturando a voz do narrador com a das personagens, a dele próprio, quando criança ou adulto [...].*

A memória também é outra questão presente na obra do escritor. Sua literatura ficcionaliza o passado do piauiense, discutindo ainda questões socioeconômicas, bem como a hierarquia do sistema comercial da época. O registro linguístico é outra questão peculiar na obra de Fontes Ibiapina. A forma como o escritor registra o verdadeiro linguajar do piauiense foi algo que o colocou como um dos principais representantes da literatura piauiense modernista.

Com uma obra carregada de representações da cultura popular piauiense, Fontes Ibiapina traz em sua ficção uma representação significativa do folclore de seu estado. Parte de sua obra é resultado das histórias que ouvia ao longo de sua vida. Isso mostra o quanto o escritor era um bom ouvinte e pesquisador da cultura popular piauiense. O conjunto de sua obra revela um regionalismo piauiense de modo

---

24 IBIAPINA, J. N. de M. F. Discurso de Posse na Academia Piauiense de Letras. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, Papelaria Piauiense, 1962, n.º 21, março de 1962, p. 70.

25 SILVA, R. C. M. da. **A representação da seca na narrativa piauiense**: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2005, p. 191.

a ser considerado um registro histórico do estado, no qual o contexto histórico empregado em suas obras revela um Brasil que vai a partir da década de 1930.

Câmara Cascudo, quem sempre avaliava o trabalho folclórico de Fontes Ibiapina, expressou as seguintes palavras no prefácio de *Mentiras Grossa de Zé Rotinho*:

*Fontes Ibiapina vive a paisagem sincera de sua terra e maneja a sabedoria de sua gente. Transmite tudo quanto aprendeu menino e testemunha homem-feito. Julga em boa lei e certifica ante o existente original ao qual se reporta e dá fé.<sup>26</sup>*

A partir da ficção de Fontes Ibiapina, faz-se possível construir um retrato panorâmico da cultura do estado do Piauí. As memórias do escritor perpassam muitas de suas narrativas ao representar as ações do homem sertanejo em seu dia a dia. Com temática diversificada ao longo de suas narrativas, sua literatura evoca seu passado de criança ao apontar o que sertanejo fazia para suportar os açoites da seca, explicar acontecimentos escabrosos nas fazendas do interior do Piauí, abordar a exploração dos mais fracos e o preconceito na capital do estado, dentre outros fatos que marcaram sua vida.

Para o próprio Fontes Ibiapina,

*[...] A literatura, notadamente a ficção, tem o seu valor intrínseco, o seu alvo, o seu objetivo. Entre nós, por exemplo dos mais concretos, encontramos o Ciclo Nordestino refletindo em seu ficcionismo um manancial de sociologia e economia política. Apresenta-nos, em fotografia telúrica, o meio físico e a paisagem humana com todas as suas atividades e condições de vida. [...] Nossos trabalhos, mesmo desprevinidos [sic] de sabor artístico, tem por escopo, com todo o seu estilo individualista, continuar o Ciclo Nordestino que ostenta o seu trio de ouro em nossa ficção atual com Zé Lins do Rêgo, Jorge Amado e Graciliano Ramos.<sup>27</sup>*

A literatura ibiapiana valoriza as raízes culturais do estado do Piauí perante a possibilidade histórica desse território. Os discursos piauienses que são refletidos em sua obra conduzem seus leitores a roteiros sinuosos por espaços que deixam de ser simples e passam a complexificar questões sociais e culturais. Toda a ficção pensada por ele reflete um povo, um espaço, uma cultura, um estado e um modo de falar.

Contudo, boa parte da obra de Fontes Ibiapina, com exceção de *Palha de Arroz* (1968) única obra cidadina, tem o sertão piauiense como cenário que influencia a criação das narrativas envolvendo a pecuária, a seca ou a maniçoba como categoria espacial privilegiada. Outro livro que foge da regra da sertanidade é *Paremiologia Nordestina* (1975), por se tratar de um trabalho de levantamento linguístico minucioso que representa a cultura piauiense a partir de provérbios e adágios.

---

26 CASCUDO, L. da C. Prefácio. In: IBIAPINA, J. N. de M. F. **Mentiras grossas de Zé Rotinho**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1977, p. 9.

27 IBIAPINA, op. cit., p. 47.

Fontes Ibiapina mapeia o regionalismo piauiense a partir de sua literatura ao trazer pontos diversos que caracterizam o homem, a terra e o meio piauiense trazendo um conceito de cultura sertaneja envolvendo questões históricas e sociais. Como um bom pesquisador, o escritor fez uma pesquisa sociológica apurada que fez com que a crítica colocasse sua obra em lugar de destaque no *hall* da literatura piauiense.

## A Materialidade no Arquivo Literário de Fontes Ibiapina

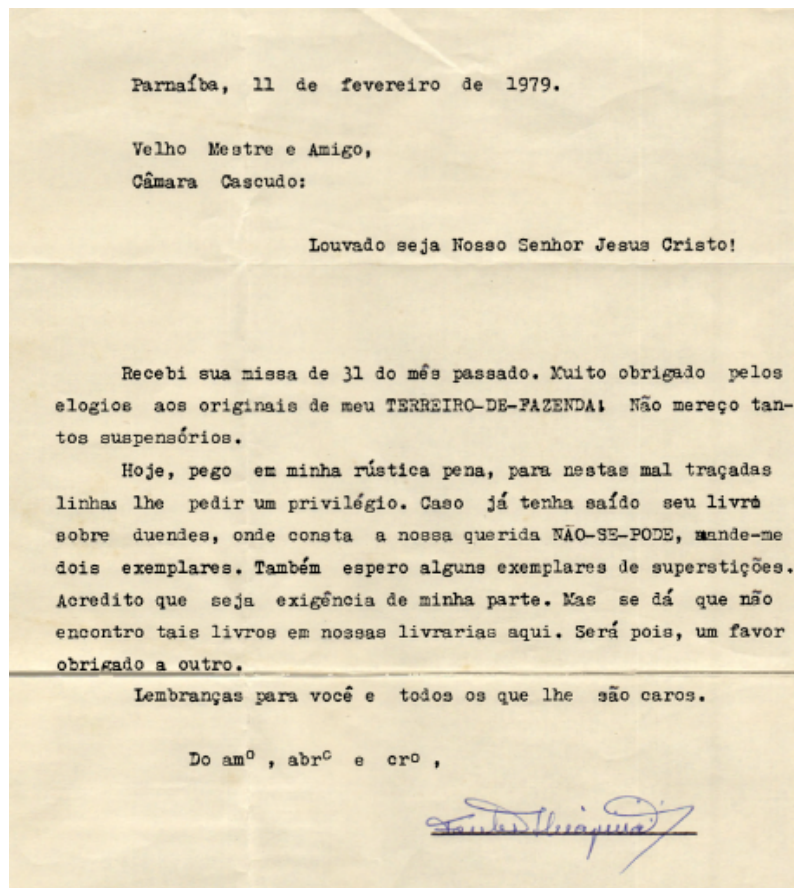
No caso do arquivo literário, a sua materialidade é marcada a partir dos rastros do processo de criação. O estudo do arquivo na literatura tem por objetivo a exposição, partindo-se da obra entregue ao público, refazendo seu percurso criativo, uma espécie de dissecação da obra, ou até mesmo como a construção de uma árvore genealógica das etapas da criação literária. Estudar um arquivo literário é, portanto, debruçar-se sobre a sua materialidade, ou seja, lançar um olhar minucioso sobre o que estabelece o objeto literário, de modo a explicitar uma relação construtiva entre criação e materiais que subsidiaram a criação. O arquivo que nos interessará aqui foi acumulado por Fontes Ibiapina, o que, seguindo o pensamento de Gama<sup>28</sup>, gera vários outros signos com diversos significantes produzidos ou não pelo próprio escritor durante o período de sua produção literária, período que vai aproximadamente de 1945 a 1986, ano de sua morte. Tal arquivo é justamente aquele que nos põe à mostra a sua obra de ficção como elaboração inseparável de seu processo de criação, sendo tal processo o produtor de documentos que compõem o arquivo literário do escritor. Assim, aqui explicita-se, antes de tudo, a criação literária de Fontes Ibiapina como trabalho e construção do conjunto de sua obra.

Neste estudo, traz-se como exemplo do arquivo literário de Fontes Ibiapina parte de sua correspondência com o escritor e folclorista Câmara Cascudo, alguns números das revistas *Alterosa* e *A Cigarra* e um dos seus cadernos de manuscritos que demonstra o processo de criação de uma de suas obras, o romance *Vida Gemida em Sambambaia*.

A imagem seguir ilustra uma das cartas emitidas a Câmara Cascudo em 11 de fevereiro de 1979.

---

28 GAMA, M. O autoarquivamento do autor em seus álbuns — Guimarães Rosa e a Crítica Literária. *Revista Criação e Crítica*, São Paulo, n 12, p. 135-149, jun. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/download/75247/84841/112608>. Acesso em: 09 jun. 2023, p. 3.

**Fig. 1.** Carta de Fontes Ibiapina para Câmara Cascudo (11 de fevereiro de 1979).

Fonte: Arquivo literário de Fontes Ibiapina

Fontes Ibiapina tinha uma relação estreita com o folclorista Câmara Cascudo, o qual o escritor o chamava de “Mestre”, como se pode observar na carta ilustrada acima e em outras correspondências enviadas por Fontes Ibiapina à Câmara Cascudo. A produção literária de Fontes Ibiapina era acompanhada criticamente por Câmara Cascudo, uma vez que ambos eram defensores do folclore brasileiro. Havia uma troca de obras literárias entre ambos, um contribuía para a literatura do outro.

Repensando a indagação levantada por Lejeune<sup>29</sup> “A quem pertence uma carta?”, aponta-se a resposta pensada por Vasconcellos<sup>30</sup>, ao apontar que a carta pertence ao destinatário, sendo ele quem vai decidir o destino do documento: se vai ler e destruir ou arquivar o documento, o que dá a ideia de arquivo. Quando a carta traz em si informações históricas, biográficas, literárias e artísticas, ela

29 LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Org. Jovita M. G. Noronha. Tradução de Jovita M. G. Noronha e Maria I. C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 251-254.

30 VASCONCELLOS, E. Manuscritos Literários e pesquisa. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.45, n. 4, p. 20-24, out./dez. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8548/6062>. Acesso em: 12 jul. 2022, p. 381.

pode interessar ao campo científico, pois há uma considerável contribuição para a construção do conhecimento.

De tal modo, a carta deixa de ser um documento essencialmente particular no que tange ao conteúdo que há nela e passa a ser de interesse público. É o que acontece nas correspondências ativas de Fontes Ibiapina para o folclorista Câmara Cascudo. Trata-se de missivas que narram o labor literário de Fontes Ibiapina.

As missivas de Fontes Ibiapina possibilitam exercícios de análises críticas já apontados por Moraes<sup>31</sup>. São eles: “recuperar na carta a expressão testemunhal que define um perfil biográfico”, “apreender a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período” e “vê o gênero epistolar como ‘arquivo de criação’”. As cartas que compõem o arquivo literário de Fontes Ibiapina permitem o pesquisador pensar sobre a criação literária do escritor, uma vez que esse tipo de documento pode trazer a narrativa testemunhal do processo criação revelando os bastidores da obra entregue ao público.

Nas cartas de Fontes Ibiapina, é possível analisar o perfil biográfico ao considerar que o próprio escritor se autodefine como um pesquisador que sempre está em busca do conhecimento para ficcioná-lo em suas obras. Suas cartas também testemunham o fazer literário em compatibilidade com uma rede de sociabilidade crítica, que aqui é apontada a partir da correspondência entre Fontes Ibiapina e Câmara Cascudo. Essas missivas revelam o ato da criação literária ibiapiana quando o escritor aponta em etapas a criação de suas obras, como em algumas cartas que ele aponta índices que revelam os bastidores de sua produção.

Todas as cartas que se encontram no arquivo literário de Fontes Ibiapina são documentos autorais que trazem consigo informações históricas, sociais, culturais e literárias. Essas missivas têm muito a contribuir para uma reescrita da história da literatura piauiense bem como para a compreensão da produção literária do escritor supracitado. Cabe ao pesquisador explorar esses documentos de modo a levá-los a um exercício de comparação entre o documento e a obra entregue ao público. No entanto, a literatura de Fontes Ibiapina não deve ser estudada apenas por meio de suas cartas. Sua carreira de escritor se deu a partir de periódicos de grande circulação no Brasil.

Além das cartas de Fontes Ibiapina, em seu arquivo literário, há também alguns exemplares das revistas *Alterosa* e *A Cigarra*. Fontes Ibiapina não publicou apenas em livro. O escritor participava de concursos literários. As publicações de Fontes Ibiapina levavam a sua literatura para fora do estado do Piauí. Seus contos circulavam em concursos literários como o “Companhia de Seguros Minas Brasil”, realizado pela revista *Alterosa*, de Minas Gerais.

Sobre suas publicações em periódicos, Fontes Ibiapina escreve:

*Iniciei essas colaborações participando de concursos de contos nas revistas Cigarra e Alterosa, em ambas tendo a felicidade de*

---

31 MORAES, M. A. de. Edição de correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. *Patrimônio e memória*, v. 4, n. 2, p. 115-128, 2007. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/114/506>. Acesso em 12 de jul. de 2022, p. 381.

ser premiado várias vezes, o que muito me incentivou na carreira literária. Na Alterosa, cheguei a ver laureados dez contos, até que a Comissão do Concurso deliberou não mais aceitar minha concorrência, esclarecendo tratar-se de um escritor já realizado. Além do mais, fui correspondente e colaborador do jornal de Letras e da revista Sul, a qual literalmente chegou a marcar época e fez toda uma geração de valores por este Brasilão a fora.<sup>32</sup>

A revista *Alterosa* levava aos seus leitores um nível literário mantido pelo crivo crítico de colaboradores como Gilberto de Alencar, Leonor Teles e Cosette de Alencar. Com uma qualidade elevada, a revista alcançou um número surpreendente de assinantes, tornando-se umas das maiores revistas brasileira da época, chegando a marcar uma geração de leitores que aguardavam a publicação dos contos de seus escritores preferidos.

A seguir, expõe-se um dos contos de Fontes Ibiapina publicado na Revista *Alterosa*.

Fig. 2. Conto “Tropeiro” publicado na revista *Alterosa*



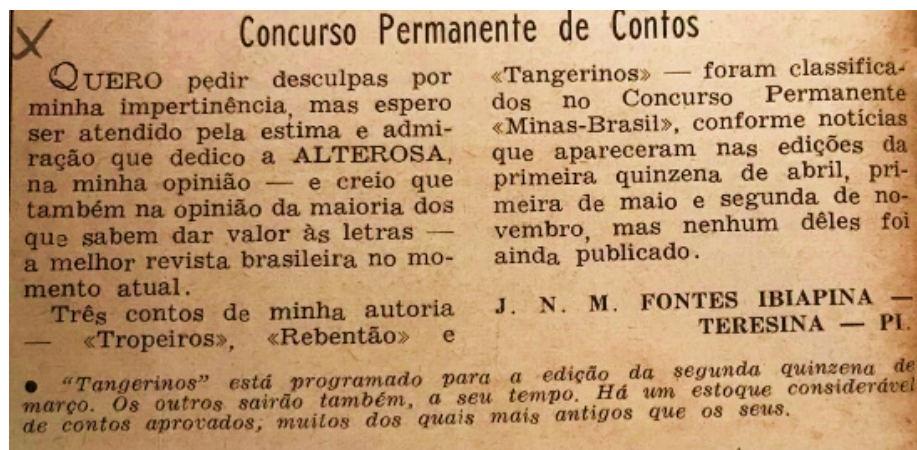
Fonte: Arquivo pessoal de Fontes Ibiapina.

O conto “Tropeiro”, ilustrado acima, foi publicado na revista *Alterosa* nº 315, de outubro de 1959. O conto foi um dentre vários outros do escritor que foram publicados no referido periódico. As revistas que contêm publicações dos contos de Fontes Ibiapina hoje se encontram no Núcleo de Estudos em Memória e Acervo (NEMA), pertencente à Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

32 IBIAPINA, op. cit., p. 171.

Além dos contos, Fontes Ibiapina também enviava cartas para a revista *Alterosa*. Em algumas delas, o escritor questionava pela demora na publicação dos seus contos vencedores de concursos literários realizados pelo periódico. A revista tinha a prática de publicar na seção “Concurso Permanente de Contos” a correspondências enviadas pelos escritores, como se pode observar na imagem a seguir.

**Fig. 3.** Carta de Fontes Ibiapina à Revista *Alterosa*



Fonte: Arquivo literário de Fontes Ibiapina

A revista *Alterosa* foi um verdadeiro teste que levou Fontes Ibiapina a se lançar como escritor não só dentro do estado Piauí, mas também para outros estados brasileiros. Após não mais poder participar do concurso literário da revista aqui mencionada, Fontes Ibiapina reúne 11 contos, sendo que desses, 10 haviam sido publicados na revista *Alterosa*, e publica-os no livro *Chão de meu Deus*. Surge então a primeira obra publicada do escritor.

Seguindo sua carreira de escritor em ascensão, Fontes Ibiapina passa a colaborar também com a revista *A Cigarra*, periódico de São Paulo, de grande circulação nacional, que também marcou um período de leitores assíduos da seção literária desse periódico. A revista *A Cigarra* foi mais um periódico que marcou época de uma sociedade leitora do século XX. O periódico foi fundado em São Paulo em 6 de março de 1914. A revista circulou por mais de 60 anos. Com uma periodização Quinzenal, a publicação fez parte do grupo das revistas de assuntos diversos que fez sucesso na imprensa brasileira.

Em algumas páginas da revista *A Cigarra*, Fontes Ibiapina utilizava o pseudônimo Hadail Francesco, como pode ser observado na imagem a seguir.

**Fig. 4.** Crítica ao conto “O Forrozeiro”, de Fontes Ibiapina



Fonte: Arquivo literário de Fontes Ibiapina.

No periódico, ora se encontra menção a Fontes Ibiapina, ora a Hadail Francesco. Por vezes, é possível encontrar notas críticas aos seus contos na seção Correspondência do Concurso Permanente de Conto, em que se publicava a avaliação crítica dos contos enviados à revista. Na seção Correspondência do Concurso Permanente de poesia encontram-se também críticas aos poemas escritos por Fontes Ibiapina. Embora o escritor não tenha se dedicado ao gênero poema como se dedicou ao conto, romance e folclore, ele chegou a enviar poemas para participar do Concurso permanente de Poesia da revista *A Cigarra*.

Na revista *A Cigarra*, pode-se encontrar algumas avaliações críticas por parte de críticos literários que avaliavam os contos enviados para participarem do concurso literário permanente de contos. Em alguns números há registros de apreciações críticas acerca dos contos de Fontes Ibiapina. A título de exemplo, na revista Ano XXXV, N.º. 2 de fevereiro de 1959, os jurados, críticos literários do concurso, deliberam uma apreciação crítica do conto “A dívida”. Os jurados assim noticiaram: “classificamos um dos dois trabalhos que você nos mandou, ‘A Dívida’, com ligeiras modificações que você observará quando publicado” (A CIGARRA. N.º. 2. Fevereiro de 1959, p. 48).

A própria revista *A Cigarra* deliberou a seguinte crítica sobre a literatura de Fontes Ibiapina – “Você conseguiu imprimir à narrativa um sentido de unidade estilística que veio reforçar a expressão regional do seu conto. Contudo, ele não pode ser publicado, não certamente pelo valor literário, que reconhecemos e louvamos, mas por simples conveniência editorial.” (A CIGARRA, N.º. 2. Fevereiro de 1959, p. 35). A revista continua sua crítica a respeito dos contos de Fontes Ibiapina, afirmando o seguinte – “O Forrozeiro, que poderia ser aproveitado em livro, publicação destinada a público mais restrito e especializado, apresenta certa liberdade de linguagem [...]” (A CIGARRA. N.º. 2. Fevereiro de 1959, p. 57).

O arquivo literário de Fontes Ibiapina conta com mais de 77 números da revista *A Cigarra*. A partir de um recorte temporal desse periódico, 1949 a 1997, é possível encontrar parte da literatura piauiense nas páginas da revista. Outro parceiro de escrita de Fontes Ibiapina que também publicou no periódico *A Cigarra* foi o escritor O. G. Rego de Carvalho. Logo, percebe-se a importância do periódico para uma reescrita da história da literatura piauiense.

Outro tipo de documento autoral pertencente ao arquivo literário de Fontes Ibiapina são os cadernos de manuscritos que o escritor fazia uso para esboçar suas obras. Esse tipo de documento tem sido compreendido como o percurso tomado por literatos para a sua produção literária. Tal reconhecimento tem partido por parte da crítica literária que busca compreender o texto literário a partir do ponto de vista vertical, ou seja, de produção. Estes estudos têm sido de responsabilidade da Crítica Genética que, nas palavras de Salles<sup>33</sup>, pode ser compreendida como a “análise dos documentos dos processos criativos para compreender, no próprio movimento da criação, os procedimentos de produção, e, assim, entender o processo que presidiu o desenvolvimento da obra.”. Nessa perspectiva, a Crítica Ge-

---

33 SALLES, 2008, p. 27.

nética estreita um forte diálogo com outras áreas de estudo, a saber, crítica literária, crítica (auto)biográfica, estudos culturais, história da literatura, epistolografia, tradução, filologia, psicanálise, semiótica, entre outras.

Acerca dos cadernos de manuscritos, bem como fólios avulsos, pode-se afirmar que eles são compreendidos como fontes primárias dentro dos estudos literários. Para se pensar sobre esse tipo de documento, faz-se necessário evocar a concepção de memória enquanto representação. Segundo a concepção de Zilberman<sup>34</sup> acerca do assunto:

*A memória constitui o ponto de intersecção entre as fontes e a criação artística. Se a noção de fontes pode abrigar tudo que antecede a produção de uma obra de arte, mas reaparece nela, é porque a memória apropriou-se da experiência prévia e elaborou-a, adaptou-a às necessidades de criação.*

São nos manuscritos, compreendidos como fonte primária, que a memória faz morada para posteriormente, a partir de suas possibilidades, narrar o ato literário, isto é, o movimento escriturário do escritor que percorre o espaço do papel redigindo suas linhas ficcionais. A memória assume, então, o papel de ponte entre o passado e o presente.

Os cadernos de manuscritos pertencentes ao arquivo literário de Fontes Ibiapina totalizam o número de 15 exemplares, não correspondendo a todas as obras escritas por ele. Na imagem a seguir, ilustra-se os exemplares que estão disponíveis no arquivo do escritor.

**Fig. 5.** *Cadernos de Manuscritos de Fontes Ibiapina*



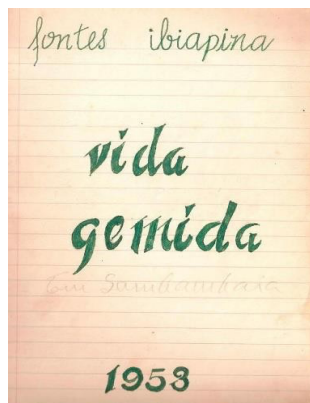
*Fonte: Arquivo literário de Fontes Ibiapina.*

34 ZILBERMAN, R. et. al. **As pedras e o arco**: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 18-19.

Os 15 cadernos estão etiquetados, como se pode observar na imagem acima, para que se torne mais fácil identificar a que obra pertence o caderno, bem como a sequência de produção, uma vez que alguns deles estão classificados em ordem sequencial, como é o caso dos cadernos de manuscritos que correspondem aos contos, que são 4 volumes.

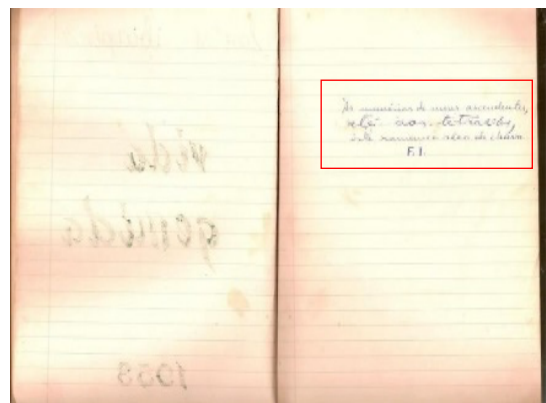
No arquivo literário de Fontes Ibiapina, dentro da coleção de cadernos de manuscritos, encontra-se o caderno de manuscritos que corresponde ao processo de criação da obra *Vida Gemida em Sambambaia*. Com uma escrita a punho, o escritor realiza um projeto experimental do romance, que mais tarde chegaria a sua versão definitiva, para só depois ser publicado. As imagens a seguir ilustram o caderno de manuscritos da obra supracitada, sendo ilustrado as três primeiras páginas do caderno.

**Fig. 6.** Contracapa do caderno de manuscrito *Vida Gemida em Sambambaia*



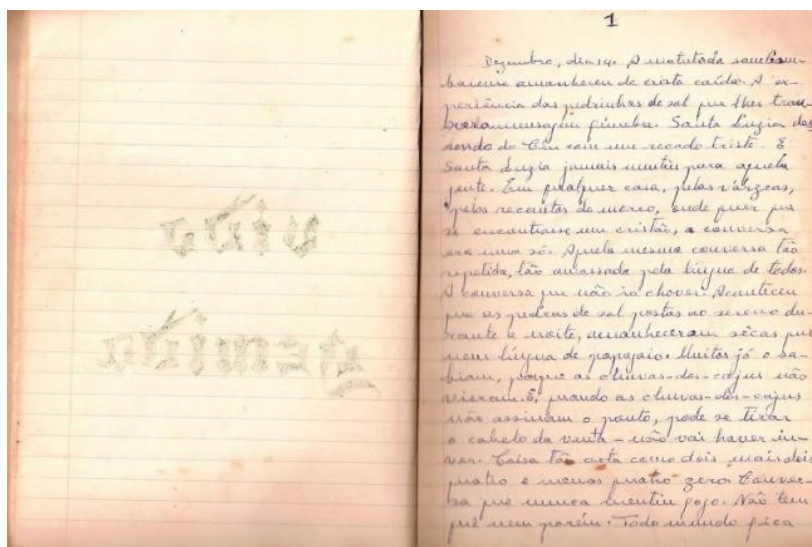
Fonte: Arquivo literário de Fontes Ibiapina

**Fig. 7.** Dedicatória no caderno de manuscrito *Vida Gemida em Sambambaia*



Fonte: Arquivo literário de fontes Ibiapina

**Fig. 8.** Primeira página do caderno de manuscrito *Vida Gemida em Sambambaia*



Fonte: Arquivo literário de Fontes Ibiapina

O caderno de manuscrito ilustrado acima documenta o processo de criação delineado por Fontes Ibiapina ao escrever seu primeiro romance – *Vida Gemida em Sambambaia*. Tais manuscritos oferecem ao pesquisador compreender como se deu o empreendimento literário do escritor ao representar a seca de 1932, período de grandes perdas no Nordeste, especificamente no estado do Piauí. A figura de número 8 já aponta do que se trata a obra, quando o próprio escritor escreveu: “Às memórias de meus ascendentes, até aos letrados, este [sic] romance sêco[sic] de chuva.”. Tal estudo pode ainda ser pensado a partir de uma análise comparativa entre a obra publicada, os manuscritos, ambos encontrados no arquivo literário do escritor, e os jornais do período que noticiaram a sombria seca de 1932.

A coleção de cadernos de manuscritos escritos por Fontes Ibiapina revela uma riqueza memorialística que contribui efetivamente para a historicização da literatura piauiense, de modo que alguns fatos históricos são pano de fundo para a criação literária do escritor. Isso faz com que seu arquivo literário seja de interesse social, pois, segundo Toigo e Kohlrausch<sup>35</sup>, “o arquivo aparece como um lugar físico que abriga o rastro documental, não é apenas o lugar físico, espacial, mas é também um lugar social.”. Portanto, o arquivo literário do escritor aqui estudado, além de guardar os rastros documentais da sua produção literária, assume a função de lugar social, sendo assim, de uma história.

Cabe ao pesquisador interessado em compreender o processo de criação literária de Fontes Ibiapina desvendar as várias possibilidades de estudar os documentos que formam o seu arquivo literário, atentando-se que tais documentos que testemunham o *modus operandi* da ficção do escritor aqui estudado. O seu arquivo literário comporta fontes primárias que têm muito a contribuir para os estudos acerca da literatura piauiense em suas mais diversas representações.

## Conclusão

Um arquivo literário testemunha a lida escriturária de um escritor. É nesse espaço que um pesquisador, interessado em conhecer a obra mais a fundo, consegue compreender de maneira panorâmica o texto literário não só no que diz respeito à questão ficcional, mas também considerando questões culturais, históricas, filológicas, e o que mais um arquivo literário for capaz de lhe oferecer. Nesse espaço, há o arquivamento da memória no papel ou em qualquer outro suporte que a imortaliza, o que possibilita ao seu autor o direito de não guardar em sua memória, enquanto faculdade mental.

A literatura a partir do arquivo literário do seu escritor traz uma concepção mais amplado projeto ficcional que se estende ao longo do conjunto da produção literária de seu titular. Por muito tempo, os estudos literários não via nesses documentos, ou pelo menos não tinham conhecimentos, alguma possibilidade de compreensão sobre a obra de ficção. Os documentos de arquivos de escritores têm em si

---

35 TOIGO, R.; KOHLRAUSCH, R. Os mais velhos como baús de recordações: possibilidades de resgate da memória, ancestralidade e história familiar na literatura dedicada à infância. **Revista de Linguística e Teoria Literária**, Anápolis, v. 13, n. 1, p. 54-67, 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/11363/8671>. Acesso em: 14 jan. 2022, p. 61.

o querer do escritor que nem sempre foi posto em sua obrapublicada, eis um dos mistérios do arquivo literário.

A partir da década de 1960, com a instauração dos centros documentais no Brasil no contexto universitário, a preocupação com a memória da literatura brasileira se intensificou pelo país, de modo que os arquivos literários de escritores passaram a receber olhares da crítica literária, da história da literatura, dos estudos culturais, da arquivologia e da história, surgindo metodologias interdisciplinares com o intuito de organizar, estudar e divulgar tais arquivos.

Foi com esse pensamento que este estudo buscou representar de maneira descritiva o arquivo literário do escritor piauiense João Nonon de Moura Fontes Ibiapina. Trata-se de um recorte de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí, durante o mestrado.

Fontes Ibiapina projetou uma escrita de cunho regionalista ao representar o estado do Piauí a partir de sua literatura. Seu projeto literário traz pontos diversos que caracterizam o homem, a terra e o meio piauiense, de modo a construir um conceito de cultura sertaneja envolvendo questões históricas e sociais. Como um bom pesquisador, o escritor fez uma pesquisa sociológica apurada que fez com que a crítica colocasse sua obra em lugar de destaque no *hall* da literatura piauiense.

Ao que tange a materialidade do arquivo literário de Fontes Ibiapina, pode ser encontrado nesse espaço cartas, cadernos de manuscritos, revistas com publicações do escritor, livros com marginais, dentre outros tipos de documentos que possam ser de interesse de diferentes áreas. Aspectos históricos, sociológicos, culturais, antropológicos, políticos e econômicos acerca do estado do Piauí são apresentados em diversos documentos que compõem o arquivo literário aqui estudado.

Este estudo não teve como objetivo descrever todos os documentos que compõem o arquivo literário do escritor aqui estudado, mas apresentar a riqueza que seu arquivo possui, bem como despertar futuras pesquisas a fim de estudar as várias possibilidades que seu arquivo literário oferece para o campo dos estudos literários, históricos, culturais, dentre outros. Aqui, apresentou-se, de modo descritivo, a formação do arquivo literário de Fontes Ibiapina. Espera-se que novos estudos surjam sobre a obra ibiapiana tendo como *corpus* os documentos do seu arquivo literário. Assim, sua obra será compreendida de modo mais amplo, indo para além das linhas ficcionais.

## Referências Bibliográficas

- ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n.21, p. 11, 1998.
- BARROS, E. **Nonon: o menino da Lagoa Grande**. Teresina: Nova Aliança, 2012.
- BORDINI, M. da G. Acervos literários e memória cultural. In: **Seminário Dez anos do PPGL/UESPI: produzindo conhecimento e formando pesquisadores**.

2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N6yjhxGioqU>. Acesso em: 17 dez. 2022.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

CASCUDO, L. da C. Prefácio. In: IBIAPINA, J. N. de M. F. **Mentiras grossas de Zé Rotinho**. Teresina, Caderno de Letras Meridiano, 1977.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade e política**. Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GAMA, M. O autoarquivamento do autor em seus álbuns – Guimarães Rosa e a Crítica Literária. **Revista Criação e Crítica**, São Paulo, n 12, p. 135-149, jun. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/download/75247/84841/12608>. Acessado em: 09 jun. 2023.

GUIMARÃES, J. C. Entre periódicos e manuscritos. In: SOUZA, E. M. de; MIRANDA, W. M. **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê, 2003, p. 103-116.

IBIAPINA, J. N. de M. F. Discurso de Posse na Academia Piauiense de Letras. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, Papelaria Piauiense, 1962, n.º21, março de 1962.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Org. Jovita M. G. Noronha. Tradução de Jovita M. G. Noronha e Maria I. C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 251-254.

MARQUES, R. O arquivo literário como figura epistemológica. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, p. 13-23, 2007. Disponível em: <http://www.pgletas.uerj.br/matraga/matraga21/arqs/matraga21a01.pdf>. Acessado em 09 jun. 2023.

MORAES, M. A. de. Edição de correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. **Patrimônio e memória**, v. 4, n. 2, p. 115-128, 2007. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/114/506>. Acesso em 12 de jul. de 2022, p. 381.

REMÉDIOS, M. L. O empreendimento autobiográfico Josué Guimarães e Érico Veríssimo. In: ZIBERMAN, R. et al. **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria da literatura e história da literatura**. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 277-342.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SALLES, C. A. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008.

SILVA, R. C. M. da. **A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2005.

TOIGO, R.; KOHLRAUSCH, R. Os mais velhos como baús de recordações: possibilidades de resgate da memória, ancestralidade e história familiar na literatura dedicada à infância. **Revista de Linguística e Teoria Literária**, Anápolis, v. 13, n. 1, p. 54-67, 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/11363/8671>. Acesso em 14 jan. 2022.

VASCONCELLOS, E. Manuscritos Literários e pesquisa. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.45, n. 4, p. 20-24, out./dez. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8548/6062>. Acesso em 12 de jul. de 2022.

ZILBERMAN, R. et. al. **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura.**Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.